

## O realismo especulativo de Quentin Meillassoux vs. a filosofia de Deleuze e Guattari

Márcia Fusaro<sup>1</sup>

**Resumo:** A influência da filosofia de Deleuze e Guattari sobre o trabalho dos realistas especulativos vem sendo destacada por diversos pensadores, desde seu surgimento oficial, em 2007. No caso de Quentin Meillassoux, um dos expoentes desse movimento, cujo trabalho elegemos aqui para mais reflexões, pode-se dizer que Deleuze e Guattari apresentam-se como dois de seus principais interlocutores, tanto para fundamentar alguns de seus argumentos, quanto para, em outros momentos, servir de base para uma completa oposição argumentativa. Uma convergência entre Deleuze-Guattari e Meillassoux pode ser identificada, por exemplo, no conceito de “contingência”, basilar no livro de estreia de Meillassoux, *Après la finitude: essai sur la nécessité de la contingence* (2006), e também identificável em *O que é a Filosofia?* (1992), quando Deleuze e Guattari se opõem ao que eles identificam como o culto da necessidade, para, em contrapartida, fortalecer a defesa de Nietzsche quanto à importância do acaso, do jogo de dados e da contingência (acontecimento) como inseparáveis de tudo. Já as divergências conceituais entre Deleuze, mais especificamente, e Meillassoux surgem, por exemplo, quanto ao “correlacionismo”. Ao longo das veredas dessas aproximações-separações argumentativas entre Deleuze-Guattari e Meillassoux, manteremos diálogos com outros pensadores e também com a literatura, em voo premeditadamente ousado e transdisciplinar, porque pautado pela busca de alguma oxigenação do pensamento pelo viés da poesia aliada ao pensamento filosófico. Com tal escolha, intenta-se provocar reflexões complementares sobre alguns argumentos apresentados pelo realismo especulativo em contraposição ao vitalismo muito singular presente na filosofia Guattari-deleuzeana.

**Palavras-chave:** Quentin Meillassoux. Gilles Deleuze. Félix Guattari. Realismo Especulativo.

## Quentin Meillassoux's speculative realism and the philosophy of Deleuze and Guattari

**Abstract:** Deleuze and Guattari's influence on the speculative realists has been acknowledged repeatedly since speculative realism emerged in 2007. For Quentin

---

<sup>1</sup> Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP); Mestra em História da Ciência (PUC-SP); Especialista em Língua, Literatura e Semiótica (USJT). Professora e pesquisadora do Departamento de Educação da Universidade Nove de Julho (UNINOVE), onde coordenou o curso de Letras por dez anos. Líder de Pesquisa do Grupo Linguística e Literatura: teorias e práticas discursivas (UNINOVE-CNPq). Integrante dos seguintes grupos de pesquisa: TransObjeto (PUC/SP-CNPq); Palavra e Imagem em Pensamento (PUC/SP-CNPq), Tempo-Memória: Educação, Literatura e Linguagens (UNINOVE-CNPq). Membro do quadro de pesquisadores do CICTSUL (Centro Interdisciplinar de Ciência, Tecnologia e Sociedade), da Universidade de Lisboa. Contato: [profmarciafusaro@gmail.com](mailto:profmarciafusaro@gmail.com).

Meillassoux, the exponent of this movement whose work is in the focus of this paper, Deleuze and Guattari are two of his chief interlocutors, with whom they are at times in full agreement, at times in full disagreement. Convergences between Deleuze and Guattari's and Meillassoux's philosophies may be discerned, for example, in the concept of "contingency", which pervades Meillassoux's *Après la finitude: Essai sur la nécessité de la contingence* (2006) as well as in Deleuze and Guattari's *What is philosophy?* (1992), where the authors position themselves against what they consider as the cult of necessity in order to defend Nietzsche's philosophical tenets on the importance of chance and contingency (happenstance). The paper argues that correlationism is an issue that brings Meillassoux's conceptual divergence with Deleuze to the fore. The paper also offers transdisciplinary complements to the dialogue between Deleuze and the speculative realists and contrasts the positions of speculative realism with the vitalism characteristic of Guattari and Deleuze's philosophy.

**Keywords:** Quentin Meillassoux. Gilles Deleuze. Félix Guattari. Speculative Realism.

*Um pouco de possível, senão eu sufoco...*  
Michel Foucault

Esta frase, mencionada por Deleuze (1992, p. 131), teria sido um desabafo de Foucault em um período de crise revisionista conceitual de sua obra, quando, em um segundo momento de produção acadêmica (o primeiro se direcionara ao saber), Foucault percebeu a ironia de seu rumo filosófico voltado obcecadamente para aquilo que ele mais detestava: o poder. Durante a crise, "sufocado" pela intensidade com que se voltara para esse tema, buscou oxigenação intelectual ao se perguntar se, afinal, não haveria nada para além das relações de poder. Após oito anos sem escrever, encontrou então uma resposta no sujeito em ação nas instâncias de poder (subjetivação), tese a partir da qual redirecionou seu leme filosófico no derradeiro momento de sua obra.

Não por acaso me remeto, de saída, a esses filósofos-titãs. Nesses tempos demasiadamente humanos, recém-nomeados de Antropoceno, tomados por preconceitos, intolerâncias, vigilâncias de todo tipo – tudo isso identificável também no ambiente acadêmico, diga-se de passagem – tempos (re)vistos, dirimidos ou acentuados pelo viés maquínico-panóptico da era digital, faz-se mais do que nunca

oportuno lembrar a importância libertadora da obra de Foucault. Deleuze também toma a pauta pela desconcertante atualidade de sua obra, tanto em voo solo, quanto em parceria com Guattari, outro pensador-titã ao qual voltaremos adiante. A filosofia deleuzeana, explicitamente referenciada ou contestada, ou mesmo subtextualizada, de uma maneira ou de outra, tem sido insistentemente perceptível em diversos pensadores contemporâneos. Enfim, não há como negar que a já quase desgastada, porque muito revisitada, frase premonitória de Foucault (2008, p. 230), de que talvez um dia o século seria deleuzeano, tem-se, de fato, realizado em ampla medida.

O *possível*, para Foucault e Deleuze, é conceber um filosofar transgressor sobre o ser e a vida como assombrosas potências atualizadas no mundo, tendo o homem e o pensamento como atores-intermediadores de agenciamentos individuais e coletivos em devir, sejam eles históricos (Foucault), sejam eles maquínicos (Deleuze). Para algumas correntes da filosofia contemporânea, dentre elas aquela batizada de realismo especulativo, ainda bastante heterogênea e carente de maiores consistências delineatórias, da qual destacamos aqui dois de seus principais pensadores – Quentin Meillassoux mais detidamente, Ray Brassier *en passant* –, o *possível* é conceber um filosofar sobre a vida, o ser e o mundo na ausência mesmo do homem e do pensamento no mundo, ainda que, em curiosa aporia, eles mesmos, filósofos, sejam homens utilizando o pensamento para filosofar sobre esse possível. *Ouroboros philosophicum?* Talvez. O veredicto, por mais que tentador em uma primeira leitura, mostra-se, no entanto, passível de maiores reflexões em face do rigor técnico das pinças com que esses jovens pensadores estendem seus lençóis de argumentação direcionados ao questionamento de linhas filosóficas pós-kantianas, conduzidas por meandros anti-kantianos e anti-humanistas. Por meio de tal confronto, considerado uma proposta de virada ontológica na filosofia contemporânea, esses filósofos concebem o mundo possível na ausência do ser, do pensamento e de suas inter-relações (correlacionamismo), voltado à ancestralidade sem nós: origem do Universo, da Terra e demais planetas do sistema solar etc. (MEILLASSOUX, 2008), ou ao futuro muito distante sem nós, condenado à inevitável dizimação dos seres humanos, da vida, do planeta Terra e do Universo (BRASSIER, 2007). Em ambos, o assombro da ausência vital humana, tanatologia que aterroriza, mas de algum modo também seduz, parece pairar

como uma espécie de ruído de fundo argumentativo, seja para conceber um passado ancestral remoto, ou um futuro distante, mas inevitável, em direção ao fim. Em suma, nesses mundos possíveis, em teoria, não há lugar para o sujeito reivindicado por Kant. A vigorosa e elegante leitura crítica de Danowski e Viveiros de Castro (2014) sobre ambos os pensadores oferece um maior aprofundamento sobre essas questões, além de um panorama sobre o realismo especulativo.

Passemos, então, à análise de alguns momentos de convergência e divergência entre o realismo especulativo de Meillassoux e a filosofia Guattari-deleuzeana. O dueto Deleuze-Guattari / Guattari-Deleuze, por nós adotado, retrata a alternância de suas vozes na obra filosófica erigida por ambos. Em relação a Meillassoux, há momentos de evidente distanciamento e outros de forte aproximação conceituais entre eles. O realista especulativo pauta-se em vários conceitos Guattari-deleuzeanos, mas, a exemplo de seu orientador, Alain Badiou, às vezes tende a desenvolver leituras passíveis de questionamento sobre Deleuze, como, por exemplo, ao considerá-lo um filósofo dualista (virtual-actual) ou de tendência ao absoluto. Equivocadas ou acertivas, o fato é que as leituras de Meillassoux demonstram sua consideração pela filosofia Guattari-deleuzeana como digna de sua atenção na fundamentação das bases do realismo especulativo.

### **Meillassoux vs. Deleuze-Guattari: algumas confluências**

A influência da filosofia de Deleuze e Guattari sobre o trabalho dos realistas especulativos vem sendo destacada por diversos pensadores, desde seu surgimento oficial, em 2007. No caso de Quentin Meillassoux, um dos expoentes desse movimento, pode-se dizer que Deleuze e Guattari apresentam-se como dois de seus principais interlocutores, tanto para fundamentar alguns de seus argumentos, quanto para, em outros momentos, servir de base para uma completa oposição argumentativa, conforme aponta Jeffrey Bell (2010, 2014).

Uma primeira convergência entre Deleuze-Guattari e Meillassoux pode ser identificada, por exemplo, no conceito de “contingência”, basilar no livro de estreia de

Meillassoux, *Après la finitude: essai sur la nécessité de la contingence* (2006). A partir da tradução para o inglês, citamos Alain Badiou, autor do prefácio:

[A] distinção entre a receptividade empírica e a constituição transcendental parece ser o molde obrigatório de todo o pensamento moderno, e em particular de toda tentativa de pensar a natureza das “modalidades”, tais como necessidade ou contingência. Tendo sido esta última objeto das reflexões de Deleuze e Foucault. [...] Como Kant, Meillassoux salva a necessidade, incluindo a necessidade lógica. Mas, como Hume, garante que não haja uma base aceitável para a necessidade das leis da natureza. A prova de Meillassoux [...] demonstra que só há uma coisa absolutamente necessária: que as leis da natureza sejam contingentes (BADIOU apud MEILLASSOUX, 2008, p. VII).

O conceito de contingência é identificável como “acontecimento associado ao devir” em *O que é a Filosofia?* (1992), quando Deleuze e Guattari se opõem ao que ambos identificam como o culto da necessidade, para, em contrapartida, fortalecer a defesa de Nietzsche quanto à importância do acaso, do jogo de dados e da contingência (acontecimento em devir) como inseparáveis de tudo e participantes na criação de conceitos, papel atribuído por eles à filosofia.

Destacar sempre um acontecimento das coisas e dos seres é a tarefa da filosofia quando cria conceitos, entidades. Erigir o novo evento das coisas e dos seres, dar-lhes sempre um novo acontecimento: o espaço, o tempo, a matéria, o pensamento, o possível como acontecimentos... [...] A grandeza de uma filosofia avalia-se pela natureza dos acontecimentos aos quais seus conceitos nos convocam, ou que ela nos torna capazes de depurar em conceitos. [...] Os conceitos filosóficos são totalidades fragmentárias que não se ajustam umas às outras, já que suas bordas não coincidem. Eles nascem de lances de dados, não compõem um quebra-cabeças (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 46-51).

Outro exemplo de convergência é o conceito de “caos”. Para Meillassoux, o caos está associado a manifestações de contingência e acaso. No quarto capítulo de *After Finitude* (2008, p. 82-111), duas das principais questões que ele se propõe a responder são: a) como explicar a estabilidade manifesta das leis, uma vez que as tomamos como contingentes e b) qual a condição para a manifesta estabilidade do caos. O acaso (jogo) diz respeito a um raciocínio probabilístico, mas matematicamente calculável, baseando-se nas técnicas de contagem. O termo contingência, por sua vez, refere-se ao acontecimento em devir. É algo que finalmente acontece (opondo-se ao

jogo, em que tudo, mesmo o improvável, é previsto). Curiosamente, o contingente também se mostra matemático, todavia, incalculável, imprevisível.

Tais princípios também são detectáveis em *O que é a Filosofia?*, quando Deleuze e Guattari afirmam ser o caos um componente fundamental na criação de conceitos. Também quando afirmam que caos e ordem se alternam em manifestações múltiplas, fragmentárias, inclusive na criação de conceitos filosóficos. “Todo conceito tem um contorno irregular, definido pela cifra de seus componentes. [...] É um todo, porque totaliza seus componentes, mas um todo fragmentário. É apenas sob essa condição que pode sair do caos mental, que não cessa de espreitá-lo, de aderir a ele, para reabsorvê-lo” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 27).

### **Meillassoux vs. Deleuze: algumas divergências**

Algumas divergências conceituais entre Deleuze, mais especificamente, e Meillassoux surgem, por exemplo, quanto ao “correlacionismo”: enquanto o último se opõe veementemente a esse conceito, porque atrelado ao kantismo que ele fortemente critica, oposição esta, inclusive, que serve como uma das principais bases argumentativas de suas ideias no âmbito do realismo especulativo, Deleuze, por outro lado, admite a tal ponto esse conceito que, aos olhos de Meillassoux, o correlacionismo se torna uma espécie de absoluto na filosofia deleuzeana. Todavia, ressalta-se, por oportuno, que qualquer noção de “absoluto” atribuída à filosofia deleuzeana, mesmo que meramente sugerida, deve ser vista com grandes ressalvas. Para uma filosofia fundamentada visceralmente no conceito de devir, como a deleuzeana, trata-se, a nosso ver, de equívoco associá-la a qualquer manifestação de absoluto.

Ainda por oportuno, estendemos tal reflexão à devida cautela requerida à noção de “ontologia” quando atribuída à filosofia deleuzeana, posto Deleuze sempre haver evitado ao máximo o uso desse conceito e mesmo da palavra “ser” em sua filosofia (ZOURABICHVILI, 2004a, p. 7).

Não há “ontologia de Deleuze”. [...] Ora, se há uma orientação da filosofia de Deleuze, esta é: *extinção do nome do “ser” e, por aí, da ontologia*. [...] Deleuze disse e redisse com todas as letras – *à la lettre* –

seu programa: substituição do É pelo E; ou o que dá no mesmo, substituição do ser pelo devir (ZOURABICHVILI, 2004b, p. 1-2).

Ainda que identifiquemos várias “ontologias” atribuídas a Deleuze por seus estudiosos – ontologia do devir; ontologia realista; ontologia materialista, entre outras –, é prudente, portanto, ler-se o termo sempre entre aspas em se tratando da filosofia deleuzeana.

Outra divergência que pode ser apontada entre Deleuze e Meillassoux diz respeito a um recorte específico sobre o devir. Enquanto o devir é conceito basilar na filosofia deleuzeana, para Meillassoux só é possível superar o “culto da necessidade”, para afirmar a contingência, quando se abandona qualquer tentativa de se estabelecer uma filosofia do devir. A razão disso, conforme Meillassoux, é que o devir absolutizador envolve a afirmação de entidades contraditórias – uma entidade que simultaneamente é e não é – e, ainda, são somente tais entidades que não são contingentes, uma vez que sempre incluem todas as possibilidades; elas não podem não ser, uma vez que já pressupõem seu não ser. Meillassoux conclui, portanto, que a filosofia do devir de Deleuze é incompatível com o esforço de superar o culto da necessidade (BELL, 2014, p. 1).

Uma derradeira divergência é a do princípio da razão suficiente, rejeitada por Meillassoux, mas endossada por Deleuze como componente de sua intensa defesa do correlacionismo. Em termos resumidos, conforme apontado por Bell (2014, p. 1), Meillassoux rejeita o princípio da razão suficiente, enquanto Deleuze o endossa. A razão pela qual o primeiro a rejeita é o fato de ela ser uma consequência da necessidade de contingência em que não há razão para nada ser ou não ser como é. Deleuze, em contrapartida, é inevitavelmente conduzido, na leitura de Meillassoux, a uma versão de princípio de razão suficiente em virtude de sua própria versão fortemente correlacionista.

### **Por uma especulação poético-vitalista**

Ao longo das veredas dessas aproximações-separações argumentativas entre Deleuze-Guattari e Meillassoux, propomos doravante alguns diálogos com outros pensadores, em voo premeditadamente ousado e transdisciplinar – *trans* porque para

além, em trânsito e devir, em termos deleuzeanos. Busquemos, assim, alguma oxigenação do pensamento pelo viés da poesia aliada ao pensamento filosófico. Reflexões complementares sobre alguns argumentos apresentados pelo realismo especulativo contrapostos ao vitalismo muito singular presente na filosofia de Deleuze (PELBART, 2010) e Guattari (2006).

Em busca de um possível que não sufoque, inadvertidamente recorro Fernando Pessoa, em desabafo pela voz de seu heterônimo Álvaro de Campos: “Arre, estou farto de semideuses! Onde é que há gente no mundo?” (PESSOA, 1990, p. 419). Opto, então, por percorrer a trilha rizomático-vitalista de Foucault e Deleuze, acompanhados de perto pelas ressonâncias martelantes da filosofia de Nietzsche. Nela também encontro alcances para a prosa poética do titã-literário Italo Calvino, além do pensamento igualmente titânico de Félix Guattari. O termo titã, lembremos, refere-se às entidades míticas, lideradas pelo titã Cronos (Tempo), que enfrentaram Zeus e os deuses olímpicos para definir quem dominaria o universo. Essa batalha de proporções cósmicas, também chamada de Titanomaquia, é descrita pelo poeta grego Hesíodo, na *Teogonia* (1995, p. 141-145). Refiro-me a esses pensadores como titãs considerando o caráter vitalista e transdisciplinar com que enfrentam sistemas estabelecidos em suas obras. No possível que não os sufoca, a atmosfera de oxigenação intelectual dá-se por meio de generosa dose de filosofia, ciência e arte em interfaces de criação epistemológica, posto todos eles percorrerem territorializações, desterritorializações e reterritorializações movimentadas dinamicamente pelo mesmo plano de imanência reivindicado por Deleuze e Guattari (1992), qual seja, o de que as três áreas do conhecimento (filosofia, ciência e arte) são igualmente criadoras.

Assombros de peso-leveza, vida-morte, homem-mundo, ser-pensamento em *devires* – por isso aqui definidos pelo hífen de corte deleuzeano e, portanto, lidos para além de meras dicotomias –, trazem-me à lembrança a coletânea de ensaios *Seis Propostas para o Próximo Milênio* (1990), de Calvino, aliás seus últimos escritos, aos quais vez por outra me flagro em releitura. Nesses ensaios ressalta-se não apenas a relevância dos temas, mas a beleza e erudição com que são expostos pelo escritor italiano. Entre 1985 e 1986, convidado a desenvolver, ao longo de um ano, as prestigiosas *Charles Eliot Norton Poetry Lectures*, na Universidade de Harvard,

apresentaria seis conferências temáticas de sua livre escolha, alinhavadas por um fio poético, daí o *poetry* do título. Foram elas: leveza, rapidez, exatidão, visibilidade e multiplicidade como valores literários merecedores de preservação no milênio seguinte. A sexta conferência, “consistência”, infelizmente não chegou a se realizar, pois Calvino faleceu antes de elaborá-la. Assombroso acaso de vida e morte.

Ainda que pudéssemos estabelecer diálogos *lato sensu* sobre todas, três delas tomarão aqui minhas especulações poético-vitalistas: leveza, rapidez e multiplicidade. Entre a oposição peso-leveza, Calvino escolhe argumentar a favor da leveza em sua primeira conferência. Não por desconsiderar a importância do peso como argumentação, mas por achar que teria mais a dizer sobre a leveza, como escritor. Ao ler-se a bela obra de Calvino, compreende-se melhor sua escolha. Nessa mesma esteira privilegiadora da leveza, considerarei aqui o que chamo de “assombro” na era digital, mas, diferentemente do escritor, também incluirei o peso como argumentação, não para enfatizar dicotomias, mas antes como proposta de tecer reflexões para além delas. Por ser exemplo de palavra-valise, conforme a definição de Deleuze na esteira de Lewis Carroll (2000, p. 49-50), tanto o verbo “assombrar”, quanto o substantivo “assombro”, e ainda sua extensão reflexiva “assombrar-se”, comportam tanto o sentido de leveza quanto de peso em agenciamentos maquínicos individuais e coletivos.

Desde a existência do humano somos assombrados, ou passíveis de assombro, nos mais variados agenciamentos de peso-leveza. O peso da finitude do homem e do mundo, tanto quanto a leveza criativa de suas ousadias tecnológicas não são manifestações recentes de assombro, nem exclusividades da era digital, com suas acelerações e interações marcadas por agenciamentos maquínicos sociais e políticos, entre outros, ou pelos afetos e desafetos manifestados em redes sociais, e nem tampouco pelas crises ecológicas que podem nos levar inevitavelmente ao fim, como querem alguns discursos de teor mais apocalíptico. Perante o assombro de criar e destruir, registra-se, desde a existência humana socialmente organizada, toda uma miscelânea de mitos e relatos de criação e destruição tanto na cultura ocidental quanto oriental. Do mito de criação grego relatado na *Teogonia*, de Hesíodo, ao “faça-se a luz” dos relatos bíblicos, à destruição de Sodoma e Gomorra, além do Dilúvio, passando pelos deuses de criação, manutenção e destruição hindus – respectivamente Brahma,

Vishnu e Shiva –, incluindo-se o recentemente aclamado fim do calendário maia, entre tantas outras referências que deixamos de citar, em todos eles paira o assombro de criação-destruição. Do passado remoto às preocupações mais contemporâneas sobre o aquecimento global e as armas de destruição em massa, percorremos também toda uma territorialidade de guerras, epidemias, bombas atômicas, desde sempre assombrados pelos agenciamentos em devir do peso da finitude e da leveza da (re)criação da vida. Ritornelos, nos termos de Deleuze e Guattari (1997, p. 115-170), denunciadores de nossa busca por alguma identidade ontocossmológica.

*O Sétimo Selo* (1956), obra-prima cinematográfica de Ingmar Bergman, retrata o contexto da peste negra na Idade Média europeia sob o molde religioso. Registro-arte sobre o assombro das subjetividades individuais e coletivas ante o peso da morte e a luta pela vida. Metáfora sobre o drama ontológico e metafísico em um tal contexto, o filme mostra um cavaleiro medieval a jogar xadrez com a morte, assombrosa ameaça à espreita em face da peste negra. A exemplo de Foucault, o cineasta-filósofo Bergman também se utiliza do passado como metáfora histórica para pensar o presente, nesse caso, o mundo pós-Segunda Guerra Mundial. Em *As Intermittências da Morte* (2005), por sua vez, Saramago enfrenta, pelo viés da leveza, o peso do assombro diante da morte à espreita, quando a Morte, transformada em personagem, de repente resolve fazer greve. A leveza da ironia fina com que Saramago transforma a morte em personagem caricatural, no entanto, não impede que sua pena nos conduza por reflexões filosóficas sobre o peso-leveza de vida-morte.

No dia seguinte ninguém morreu. O facto, por absolutamente contrário às normas da vida, causou nos espíritos uma perturbação enorme, efeito em todos os aspectos justificado, basta que nos lembremos de que não havia notícia nos quarenta volumes da história universal, nem ao menos um caso para amostra, de ter alguma vez ocorrido fenómeno semelhante, passar-se um dia completo, com todas as suas pródigas vinte e quatro horas, contadas entre diurnas e nocturnas, matutinas e vespertinas, sem que tivesse sucedido um falecimento por doença, uma queda mortal, um suicídio levado a bom fim, nada de nada, pela palavra nada. Nem sequer um daqueles acidentes de automóvel tão frequentes em ocasiões festivas, quando a alegre irresponsabilidade e o excesso de álcool se desafiam mutuamente nas estradas para decidir sobre quem vai conseguir chegar à morte em primeiro lugar (SARAMAGO, 2005, p. 11).

Lembremos que também a leveza das possibilidades tecnológicas nascidas da criatividade humana têm tido lugar de registro filosófico, científico e artístico em interfaces. Já nos primórdios do surgimento do cinema, na passagem dos séculos XIX ao XX, tal registro se fez presente em *Viagem à Lua* (1902), de Georges Méliès, considerado o primeiro filme de ficção científica da história do cinema. O assombro diante do peso-leveza dos agenciamentos homem-máquina, pelo mote da inteligência artificial, não demorou a surgir cinematograficamente pouco depois, a exemplo de *Metropolis* (1927), de Fritz Lang, permanecendo como tema instigante e recorrente até a contemporaneidade. Dentre outros tantos exemplos que poderiam ser lembrados sobre o mesmo tema dos agenciamentos homem-máquina, citemos alguns filmes clássicos de ficção científica como *2001: uma Odisseia no Espaço* (1968), dirigido por Stanley Kubrick a partir da obra de Arthur C. Clarke; *Blade Runner* (1982), de Ridley Scott, baseado no conto *Do Androids Dream of Electric Sheep?* (*Andróides Sonham com Ovelhas Elétricas?*), escrito em 1968, por Philip K. Dick; *Eu, robô* (2004), de Alex Proyas, baseado na obra de Isaac Asimov, com destaque para a criação das três leis da robótica presentes nessa obra e que servem de referência para os estudos sobre robótica na atualidade. E os recentes longas *Eva* (2012), de Kike Maíllo; *The Machine* (2013), de Caradog W. James, e *Ex Machina* (2015), de Alex Garland, todos acerca do peso-leveza dos assombros gerados pelos agenciamentos homem-máquina. Ou ainda a interação sempre de algum modo desconcertante pelo peso-leveza dos agenciamentos afetivos do comandante-androide Data, além dos assustadores *borgs* (ciborgues assimiladores de humanos), da série *Star Trek: the Next Generation* (*Jornada nas Estrelas: a Nova Geração*), de Gene Roddenberry.

Também a rapidez, tema explorado por Calvino em relação à literatura, em sua segunda conferência, assombra-nos na era digital. Assombra em agenciamentos de peso-leveza. Ao tratar da rapidez, Calvino remete-se a questões de tempo linear e não-linear, inclusive no contexto em que a ciência, nesse sentido, tem influenciado a literatura. Também aborda apressamentos e vagarosidades na literatura, sob a ressalva, a exemplo da primeira conferência, de que escolherá falar sobre a rapidez sem deixar de reconhecer a importância da lentidão. Tais recortes também nos servem aqui para pensar o assombro em relação ao tempo na era digital. Desde a passagem

dos séculos XIX ao XX, não conseguimos mais conceber o tempo como antes. A Revolução Industrial na socioeconomia política; a Teoria da Relatividade e a Mecânica Quântica na ciência; Bergson na filosofia, entre outros; Proust e Picasso na arte, entre outros; o congelamento do tempo pela fotografia e sua posterior “libertação” pelo cinema; as diversas acelerações da imprensa, entre outras influências, mudaram radicalmente nossas bases de tempo. Desde então, acrescidos pelas sofisticções da era do silício e dos aceleradores de partículas, vivemos sob os assombrosos efeitos de um amplo redimensionamento de tempo-memória.

O já clássico documentário-ensaio *Koyaanisqatsi* (1982), de Godfrey Reggio, com suas sequências de acelerações temporais de tirar o fôlego, intensificadas pela música dissonante do talentoso Philip Glass – sequências estas relidas diversas vezes por outros cineastas desde então –, transforma em singular experiência estética a tão contemporânea sensação de assombro diante da aceleração temporal nascida dos agenciamentos entre os humanos, a natureza e a tecnologia. Na língua hopi, da tribo ameríndia dos hopis, *koyaanisqatsi* significa “vida fora de equilíbrio; estado de vida que pede outra maneira de se viver” (Hopi Dictionary Project, 1998). Sobre esse mesmo corte temático seguiram-se *Powaqqatsi* (1988) – “vida em transformação” – e *Nagoyqatsi* (2002) – “a vida como guerra” – formando a trilogia *Qtsi* (Vida). No último deles, além da trilha sonora marcante de Philip Glass, tira-nos o fôlego também o belo acompanhamento do consagrado violoncelista Yo-Yo Ma. Diante da relevância temática e da beleza estética dessa trilogia, geradora de *afectos* e *perceptos*, não há como não lembrar a afirmação avassaladora de Deleuze (1987) de que “a arte é um ato de resistência”.

A sensação de aceleração do tempo na contemporaneidade não representa, necessariamente, ao menos do ponto de vista cronológico, uma evidência científica *per se*, mas, sobretudo, um aspecto subjetivo quanto à nossa percepção do tempo, resultante das aplicações tecnológicas agenciadas por singulares subjetividades temporais individuais e coletivas. Assombrados pelo peso às vezes sufocante da aparente aceleração do tempo, vemos, por outro lado, também o surgimento de todo um viés de movimentos socioculturais em busca da leveza da desaceleração e da lentidão (*slow*), como o *Slow Moviment* (Movimento *Slow*), composto por vertentes

como o *Slow Living*, *Slow Food*, *Cittaslow (Slow Cities)*, *Slow Travel*, *Slow Design*, *Slow Shopping*, entre outros. Evidentemente que muito mais poderia ser dito sobre contextos para além do peso-leveza da rapidez-desaceleração na contemporaneidade. Por ora, todavia, fiquemos com esses e passemos à multiplicidade.

Enfocada na quinta conferência de Calvino, a multiplicidade surge como assombroso *rizoma*, termo emprestado da biologia por Deleuze e Guattari (1995, p. 11-37), como referência a determinadas formações múltiplas e descentralizadas, mas em conexão, presentes na natureza, como o exemplo das raízes e do capim. A multiplicidade rizomática das redes, entendidas em sentido amplo, para além da informática, assombra-nos como potência de virtualizações e atualizações em devir, e também diante do peso de não sabermos, civilizatoriamente, como lidar com o complexo em face do indeterminado. Descendentes de todo um longo e insistente percurso que se fez determinístico e engessado por excessos de razão, não fomos ensinados a ser suficientemente criativos para lidar com a multiplicidade das complexidades e incertezas. E muito menos a ter a leveza estética do bailarino aliada ao peso do rigor ético na dança da vida, como queria Nietzsche. Um caminho possível para lidar com a multiplicidade é sugerido por Calvino, pelo viés da literatura em interface com a ciência em reflexão filosófica: “No momento em que a ciência desconfia das explicações gerais e das soluções que não sejam setoriais e especialísticas, o grande desafio para a literatura é o de saber tecer em conjunto os diversos saberes e os diversos códigos numa visão pluralística e multifacetada de mundo” (CALVINO, 1990, p. 127). Em ampla medida, vê-se que a “visão pluralística e multifacetada de mundo” é justamente uma das questões que a contemporaneidade mais tem cobrado do ser humano como moeda forte para que se faça jus à permanência *no* e *do* planeta Terra. Nesse sentido é que no percurso das reflexões escolhido até aqui, poético-vitalista por opção e múltiplo, digamos, por falta de opção diante das exigências da contemporaneidade para o pensamento intelectual que se queira lúcido e para além das dicotomias, alcanço, por fim, o pensamento titânico de Guattari em sua obra com título, de saída, sugestivo: *Caosmose* (2006). Guattari se faz oportuno como referência para uma reflexão sobre a possibilidade do salto da finitude inevitável (um dos assombros da contemporaneidade) para o que ele denomina de

*Ecosofia*, baseada em subjetividades polifônicas – individuais e coletivas – entendidas sob a ótica dinâmica de agenciamentos maquínicos sociais e políticos passíveis de (re)direcionamentos éticos e estéticos como práticas de vida. Em Guattari, o que aqui interessa em particular, além de sua admirável erudição em que filosofia, ciência e arte se complementam, é sua opção por apresentar uma proposta de enfrentamento titânico em direção ao salto para além da dicotomia sujeito-objeto como uma possibilidade de busca ontocosmológica.

É preciso evitar qualquer ilusão progressista ou qualquer visão sistematicamente pessimista. A produção maquínica de subjetividade pode trabalhar tanto para o melhor como para o pior. Existe uma atitude antimodernista que consiste em rejeitar maciçamente as inovações tecnológicas, em particular as que estão ligadas à revolução informática. Entretanto, tal evolução maquínica não pode ser julgada nem positiva nem negativamente; tudo depende de como for sua articulação com os agenciamentos coletivos de enunciação. O melhor é a criação, a invenção de novos Universos de referência (GUATTARI, 2006, p. 15).

Em tal criação-invenção de novos universos de referência, destituída da ingenuidade de desconsiderar os imensos desafios e complexidades de desterritorializações e reterritorializações nela inferidos, identifica-se a Ecosofia. No sentido adotado por Guattari, o termo se refere a um possível planetário que não sufoca, ao abrigar a ética e a estética (via *affectos* e *perceptos*) como protagonistas nos agenciamentos dinâmicos entre as complexidades rizomáticas sociais, econômicas, políticas e ecológicas, relacionadas não somente à vida humana (perspectiva antropocentrismo em revisão), mas à vitalidade planetária no amplo sentido do termo e em suas mais diversas formas de manifestação de inteligências. Nesse plano de imanência, também têm lugar o peso-leveza, a rapidez-lentidão e a multiplicidade rizomática dos agenciamentos e dos devires das subjetividades individuais e coletivas. Como há também lugar para se reconhecer o assombroso potencial do devir manifesto em interfaces múltiplas, complexas, caóticas, indeterminadas: sujeito-objeto, máquina-objeto, homem-máquina, homem-homem, máquina-máquina, entre outros. O desafio: reconhecer nosso próprio assombro como potencial para novos universos de referência em agenciamentos desterritorializadores e reterritorializadores que nos

conduzam à possibilidade de algum salto para além das dicotomias. Enfim, um pouco de possível para não sufocarmos.

## Referências

BELL, Jeffrey. **Gilles Deleuze: an extract from the Meillassoux dictionary**. Edinburgh University Press Blog, 2014. Disponível em:

<<https://eupublishingblog.com/2014/12/19/gilles-deleuze-an-extract-from-the-meillassoux-dictionary>> Acesso em: 16/03/2016.

\_\_\_\_\_. **Is Deleuze a Speculative Realist?** Aberrant monism. Spinozism and life in the Chaosmos. Disponível em: <<https://schizosoph.wordpress.com/2010/06/25/is-deleuze-a-speculative-realist>> Acesso em: 09/04/2016.

BERGMAN, Ingmar. **O Sétimo Selo**. Suécia, 1956.

BRASSIER, Ray. **Nihil Unbound: enlightenment and extinction**. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2007.

CALVINO, Italo. **Seis Propostas para o Próximo Milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DANOWSKI, Déborah e CASTRO, Eduardo Viveiros de. **Há Mundo por Vir? ensaio sobre os medos e os fins**. Florianópolis: Cultura e Barbárie: Instituto Socioambiental, 2014.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** São Paulo: Editora 34, 1992.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia** (vol. 1). São Paulo: Editora 34, 1995, p. 11-37.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia** (vol. 4). São Paulo: Editora 34, 1997, p. 115-170.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

\_\_\_\_\_. **A Lógica do Sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

\_\_\_\_\_. **On Cinema. What is the Creative Act**. 1987. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=\\_CI\\_PkclwKM](https://www.youtube.com/watch?v=_CI_PkclwKM)> Acesso em: 05/08/2015.

DICK, Philip K. **Androides Sonham com Ovelhas Elétricas?** São Paulo: Aleph, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. (Col. Ditos e Escritos, vol. II). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008, p. 230-254.

GARLAND, Alex. **Ex Machina**. Estados Unidos, 2015.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Editora 34, 2006.

HESÍODO. **Teogonia**. São Paulo: Iluminuras, 1995.

HOPI DICTIONARY PROJECT. **Hopi Dictionary: Hopiikwa Lavàytutuveni**. Tucson: University of Arizona Press, 1998.

JAMES. Caradog W. **The Machine**. Reino Unido, 2013.

KUBRICK, Stanley. **2001: uma Odisseia no Espaço**. Estados Unidos, 1968.

LANG, Fritz. **Metropolis**. Alemanha, 1927.

MAÍLLO, Kike. **Eva**. Espanha/Estados Unidos, 2012.

MEILLASSOUX, Quentin. **After Finitude: an essay on the necessity of contingency**. London/New York: Continuum, 2008.

MÉLIÈS, Georges. **Le Voyage dans La Lune (A Trip to the Moon)**. França, 1902.  
Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7JDaOOw0MEE>> Acesso em: 05/08/2015.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, Demasiado Humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

PELBART, Peter Pál. **A Utopia Imanente**. Revista Cult, ed.108, 2010. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/a-utopia-imanente>> Acesso em: 12/06/2016.

PESSOA, Fernando. **Obra Poética**. Lisboa: Nova Aguilar, 1990.

PROYAS, Alex. **Eu, Robô**. Estados Unidos, 2004.

RODENBERRY, Gene. **Star Trek: the next generation**. Estados Unidos, 1987-1994.

REGGIO, Godfrey. **Koyaanisqatsi**. Estados Unidos, 1982.

\_\_\_\_\_. **Powaqqatsi**. Estados Unidos, 1988.

\_\_\_\_\_. **Nagoyqatsi**. Estados Unidos, 2002.

SARAMAGO, José. **As Intermittências da Morte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SCOTT, Ridley. **Blade Runner**. Estados Unidos, 1982.

ZOURABICHVILI, François. **O Vocabulário de Deleuze**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Centro Interdisciplinar de Estudos em Novas Tecnologias e Informação, 2004a. Disponível em: <<http://escolanomade.org/wp-content/downloads/deleuze-vocabulario-francois-zourabichvili.pdf>> Acesso em: 29/05/2016.

\_\_\_\_\_. "O ontológico e o transcendental" introdução inédita in: **Deleuze une Philosophie de l'événement**. Paris, Puf, 2004b.